



Comunicação Midiática

Revista Comunicação Midiática

ISSN: 2236-8000

v. 14, n. 2, p. 68-82, jul./dez. 2019

Às margens de uma revista esportiva: a seleção brasileira de futebol feminina nas páginas de Placar (1996)

Al margen de una revista deportiva: el equipo brasileño de fútbol femenino en las páginas de Placar (1996)

On the margins of a sports magazine: the Brazilian women's soccer team in the pages of Placar (1996)

Felipe Simão Pontes

Professor da Pós-Graduação e do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Jornalismo pela UFSC e graduado em Jornalismo pela UEPG. felipesimaopontes@gmail.com

Marcela Caroline Pereira

Graduada no curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestrado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. marcela.91pereira@gmail.com

Miguel Archanjo de Freitas Júnior

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professor do Departamento de Educação Física da UEPG, professor do Programa Stricto Sensu em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG). mfreitasjr@uepg.br

RESUMO

Este trabalho analisa os textos publicados na revista Placar sobre a participação da seleção brasileira de futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Atlanta de 1996 sob os pressupostos teóricos de gênero e de Bourdieu. Trata-se de uma pesquisa documental de natureza qualitativa que utilizou a metodologia de Análise de Conteúdo. Foram encontrados apenas sete textos sobre o tema dentre 13 edições publicadas, com aproximadamente 98 páginas cada edição. Considerou-se que as poucas publicações realizadas pela Placar são uma referência à invisibilidade das jogadoras que representaram o Brasil na maior revista do segmento esportivo do país. A revista enfatizou mais o futebol de jogadoras "modelos", tentando expor a beleza delas, que não representavam a seleção brasileira em competições nacionais e internacionais. Nos textos sobre as atletas brasileiras que efetivamente trabalhavam nos gramados, identifica-se que a publicação as define por classe social, cor da pele e sexualidade.

Palavras-chave: Revista Esportiva; Placar; Gênero; Futebol.

RESUMEN

Este trabajo analiza los textos publicados en la revista Placar sobre la participación del equipo brasileño de fútbol femenino en los Juegos Olímpicos de Atlanta en 1996, bajo los supuestos teóricos de género y de Bourdieu. Esta es una investigación documental de naturaleza cualitativa que utilizo la metodología del análisis de contenido. Solo siete textos sobre el tema fueron encontrados entre las 13 ediciones publicadas, con aproximadamente 98 páginas cada una. Se consideró que las pocas publicaciones realizadas por Placar son una referencia a la invisibilidad de las jugadoras que representaron a Brasil en la revista deportiva más grande del país. La revista destacó más el fútbol de las jugadoras "modelos", con el fin de exponer la belleza de las mujeres que no representaron al equipo brasileño en las competiciones nacionales e internacionales. En los textos sobre las atletas brasileñas que efectivamente trabajaron en el campo, se identifica que la publicación las define por clase social, color de piel y sexualidad.

Palabras clave: Revista Deportiva; Placar [título de la revista]; Género; Fútbol.

ABSTRACT

This paper analyzes the texts published in the magazine Placar about the participation of the Brazilian women's soccer team at the Atlanta Olympic Games in 1996, under the gender and Bourdieu theoretical assumptions. This is a documentary research of a qualitative nature that used the methodology of Content Analysis. Only seven texts on the topic were found among 13 published editions, with approximately 98 pages each. It was considered that the few publications carried out by Placar are a reference to the invisibility of the players who represented Brazil in the biggest sports magazine of the country. The magazine emphasized more the football of players "models", in order to expose the beauty of women who did not represent the Brazilian team in national and international competitions. In the texts on the Brazilian athletes who effectively worked on the field, it is identified that the publication defines them by social class, skin color and sexuality.

Keywords: Sports Magazine; Placar [named of Magazine]; Gender; Football.

Introdução

O futebol está presente, cotidianamente, na vida de milhares de indivíduos no Brasil, por meio de um sistema de criação/interpretação de símbolos e práticas associadas aspectos socioculturais (Guedes, 1982; Bracht, 2005). Ademais, Franzini, (2005), Teixeira e Caminha (2013) compreendem que esta modalidade se consolidou como espaço eminentemente masculino e masculinizante, com a interiorização de disposições construídas histórica/socialmente como masculinas.

A mulher brasileira se inseriu nesta modalidade com muitas dificuldades, chegando a participar de competições como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. A participação nesses eventos contribuiu para o aumento da cobertura do futebol feminino pelos veículos de comunicação. Destaca-se que Franzini (2005) e Gabriel (2015) demonstram que, mesmo com baixa frequência, a modalidade recebeu cobertura dos veículos da mídia impressa, e que, em alguns momentos, este conteúdo teve caráter sexista. A primeira participação da seleção brasileira de futebol feminino nos Jogos Olímpicos ocorreu no ano de 1996 em Atlanta, competição considerada relevante para o campo esportivo e jornalístico.

Traquina (2005) compreende que o jornalismo, marcado por valores internos, subjetividades e cultura, produz sentidos através da construção social da realidade. Desta forma, considera-se a significância desta estrutura, devido sua capacidade de produzir, reproduzir e reforçar afirmativas, crenças, mitos, valores e representações referentes ao futebol feminino, assim como a outros espaços sociais (Silveira, 2006).

Alguns veículos adquirem capacidade influenciadora no campo social (Gastaldo, 2009), o que contribui para a produção e reprodução de maneiras de ver ou pensar as mulheres futebolistas. Dentre esses veículos, *Placar* tornou-se uma agente no campo jornalístico esportivo brasileiro, especialmente no ano de 1996, com um novo projeto editorial denominado “Futebol, Sexo e Rock & Roll” (Unzelte, 2015). Além disso, é uma revista que possui especialização no campo esportivo e se destacou nas coberturas sobre o futebol. Segundo Rocco Junior e Belmonte (2014), mesmo com suas diversas modificações editoriais, a *Placar* é a revista esportiva mais antiga que ainda circula no Brasil. É um periódico de abrangência nacional e foi um dos meios de comunicação que mais realizou reportagens sobre futebol feminino a partir da década de 1980 (Salvini; Junior, 2013).

Segundo Salvini (2012) o futebol feminino aparece em *Placar* paulatinamente, abordando os efeitos do Decreto-Lei 3.199, que proibiu a prática futebolística para as mulheres. A autora recorre aos textos sobre o futebol feminino publicados pela revista *Placar* no período de 1980 até 2010, com o objetivo de apresentar a história da modalidade em âmbito nacional. Embora exista convergência entre esta pesquisa e a elaborada por Salvini (2012), elas são teórica e metodologicamente distintas, o que resultou em análises diferentes. Primeiramente, este estudo utilizou uma metodologia própria para analisar o conteúdo dos textos jornalísticos elaborados pela revista *Placar*, buscando por publicações que retratavam especificamente a seleção brasileira de futebol feminino. Além disso, o conceito de gênero possui centralidade, pois embasa teoricamente a análise dos dados obtidos.

Desta forma, o objetivo deste estudo é analisar o conteúdo dos textos¹ publicados nas páginas da revista *Placar* sobre a seleção brasileira de futebol feminino que disputou os Jogos Olímpicos de 1996. Para tanto, primeiramente recorreu-se à teoria bourdieusiana para compreender as estruturas de um campo para pensar a posição do objeto dentro do jorna-

lismo e do subcampo futebolístico. Além disso, trabalha-se com o conceito de gênero proposto por Scott (1990), para uma discussão mais profunda sobre os resultados encontrados nos textos. Dentre estes, destacamos aspectos de classe social, cor da pele e sexualidade presentes nos textos sobre a seleção.

O campo jornalístico de revista esportiva e as relações de gênero no futebol

Bourdieu (2008) desenvolve a noção de campo como uma ferramenta de análise para explicar os efeitos estruturais resultantes das diferentes posições e estratégias utilizadas pelos agentes em determinado espaço. Sua teoria nos auxiliou a pensar as propriedades fundamentais do campo jornalístico de revista esportiva. Na lógica do campo jornalístico, um periódico que aborda o futebol feminino em suas publicações é um agente que constrói estratégias para obter ou manter uma posição, publicando sobre uma modalidade que também ocupa certa posição no campo jornalístico e no esportivo.

Os diferentes campos possuem características próprias, dentre elas a existência de um objeto de disputa percebido pelos agentes dispostos nessas estruturas (Bourdieu, 2008). Segundo Saldanha (2009), na fase “Futebol, Sexo e Rock and Roll”, a revista *Placar* passou a seguir a lógica de mercantilização de elementos que pertencem ao futebol como o estádio, o atleta e os símbolos. Nessa perspectiva, para a revista, o futebol passou a envolver mais os aspectos econômicos em detrimento das questões culturais - como o torcer pelo time e a rivalidade entre os clubes -, com espaço às regras de mercado e a administração rentável. Sendo assim, a revista entendia o futebol como um negócio, referindo-se aos leitores/torcedores como consumidores. Nesse período, Rocco Junior e Belmonte (2014) ressaltam que *Placar* modifica seus critérios de noticiabilidade, focando no entretenimento, em especial música e sexualidade. A adoção desta lógica não era apenas uma estratégia da *Placar*, mas da Editora, pois envolvia outras revistas da *Abril*.

Para Scalzo (2003), o jornalismo de revista direciona suas publicações ao interesse dos leitores, o que mostra duas dimensões: a construção do conteúdo jornalístico como produto de mercado; e uma hierarquia entre jornalista (agente da empresa jornalística) e leitor (agente consumidor). Assim, “A trajetória de *Placar* mostra, de forma clara, como o fato esportivo, agora não mais notícia, é transformado em commodity, mercadoria típica da indústria do entretenimento e consumo” (Rocco Junior; Belmonte, 2014, p. 3).

Compreender o campo desta maneira contribui para que se perceba sua relativa autonomia. Para identificar o grau da autonomia de determinado campo, é necessário perceber as formas de resistência que se manifestam diante das pressões externas e como elas atuam (contratos, ordens, instruções etc.). Segundo Bourdieu (2008), o campo jornalístico possui baixa autonomia em relação a outros campos como o político e o econômico. Neste sentido, Saldanha (2009) destaca que a revista *Placar* sofreu interferências da conjuntura política e econômica nacional e internacional. Uma marca da interferência do macrocosmo no microcosmo jornalístico é a reformulação pela qual passa a revista em 1995, com a adoção do *slogan* “Futebol, Sexo e Rock and Roll” (Saldanha, 2009). Sua linha editorial passou a mostrar o comportamento dos atletas fora das quatro linhas, como exemplo a sexualidade delas. Posição que interfere no modo como as mulheres, e mais especificamente as jogadoras de futebol, passaram a ser tratadas pela revista.

Se o campo jornalístico pode ser considerado heterônomo, seguindo Bourdieu, o campo esportivo também precisa ser considerado para análise do objeto em tela. Bourdieu

(2014) nos auxilia a pensar a inserção da mulher no campo esportivo e, mais especificamente, no subcampo futebolístico. Esse espaço foi estruturado, predominantemente, como universo masculino. Desta forma, se faz necessário entender as oposições da categoria gênero – masculino/feminino, pois se compreende que ocorrem disputas para a inserção e manutenção das mulheres no futebol.

Neste sentido, Bourdieu (2014) entende que as relações de poder, subsidiadas nas diferenças biológicas, construíram representações do feminino e do masculino como uma forma de dominação masculina, resultando em uma maneira específica de violência simbólica². Esta concepção é em essência naturalizada pelos indivíduos, pois foi incorporada, inconscientemente, como um habitus³. Scavone (2008) auxilia a complementar criticamente a visão do autor, pois as mulheres não podem ser responsabilizadas pela estrutura de dominação, nem ser generalizada a passividade e a não resistência das mulheres. Não trabalhadas por Bourdieu (2014), as formas de resistência das mulheres à dominação podem ser compreendidas pelos estudos de gênero.

Sendo assim, este estudo analisa o gênero na perspectiva de Scott (1990), que entende a categoria como variável, relacional e transversal. Ademais, a autora busca transcender o caráter descritivo de historiadoras que narravam os fatos sobre mulheres sem interpretar, explicar ou atribuir causalidade. O núcleo da definição de Scott (1990) está subsidiado na conexão de duas propostas principais: o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos; e o gênero como uma forma de dar significado às relações de poder. Portanto, é neste sentido que este estudo utiliza o conceito de gênero, escapando de um olhar descritivo, mas compreendendo como uma categoria de análise histórica, cultural e política expressa nas relações de poder, possibilitando “utilizá-la em termos de diferentes sistemas de gênero e na relação desses com outras categorias, como raça, classe ou etnia, e, também, levar em conta a possibilidade da mudança” (Scavone, 2008, p. 182).

Metodologia

O delineamento deste estudo é de uma pesquisa documental de natureza qualitativa, tendo em vista a análise do conteúdo presente nos textos publicados pela revista *Placar* de janeiro a dezembro de 1996. Para tanto, utilizou-se a abordagem teórico-metodológica denominada “Análise de Conteúdo” (AC) proposta por Bardin (1977). Esta metodologia direciona para uma análise do que está latente ou explícito nos diversos tipos de textos jornalísticos. De acordo com Bardin (1977), a AC é um encadeamento de técnicas de análise com procedimentos sistematizados, os quais são dispostos em três momentos:

A fase da pré-análise, que se realizou o primeiro contato com os documentos através da leitura flutuante, apropriando-se de impressões progressivamente e levantando as hipóteses e categorias. Para a construção do corpus da pesquisa, as matérias sobre a seleção brasileira feminina foram buscadas em um veículo impresso, devido à relevância de sua manutenção na sociedade, mesmo diante da emergência de outros veículos de comunicação, como a TV, o rádio e a internet (Pontes; Silva, 2012). Além disso, analisar uma revista permitiu acessar um jornalismo que constrói seus textos acerca dos acontecimentos de forma diferenciada em relação ao jornal diário. Para Rocco e Belmonte (2014) a revista tem disponibilidade para tratar dos assuntos com base nos fatos de forma mais profunda e crítica, podendo dar novos enfoques em acontecimentos já debatidos pelos jornais.

Placar é uma revista esportiva com ênfase em conteúdos futebolísticos, que sobreviveu desde a década de 1970 até os anos atuais, passando por diversas dificuldades econômicas e modificações editoriais, tornando-se a revista segmentada mais antiga que circula no Brasil. A análise da *Placar* em 1996, justifica-se por ser o ano que a seleção feminina participou pela primeira vez dos Jogos Olímpicos que ocorreu em Atlanta. Nesse período, a revista estava trabalhando com um modelo denominado Futebol, Sexo e Rock and Roll, em que publicava sobre o futebol, mas incorporava músicas, fotografias sensuais, moda e temas sobre os comportamentos sexuais dos atletas.

A segunda fase, de exploração do material, é o momento da sistematização das decisões tomadas no passo anterior, portanto, “administração das técnicas sobre o corpus” (Bardin, 1977). Foram definidas as unidades de registro (UR) com base nos recortes semânticos direcionados pela temática central de cada texto. As UR emergiram das Unidades de Contexto (UC), que corresponde ao texto completo da publicação. A partir dessas definições, identificaram-se os seguintes temas: jogadora (s), adversária (s), seleção (s), instituição e técnico.

Em seguida, realizou-se as categorizações, que permitiram a última fase da A.C. pautando-se no tratamento dos resultados, na inferência e interpretação. Assim, foi construída a síntese dos resultados e interpretação do material empírico a luz de abordagens teóricas.

A revista *Placar* e as jogadoras da seleção brasileira de futebol feminino em 1996

Placar teve uma trajetória econômica sazonal, pois segundo Unzelte (2015) suas vendas oscilavam e para se manter em circulação a revista criava algumas estratégias, como realizar a cobertura de megaeventos, publicar textos polêmicos, modificar a periodicidade e alterar diversas vezes sua política editorial (Chiaroni, Kroehn, 2010; Unzelte, 2015). Em 1996, ano desta análise, *Placar* era publicada mensalmente e tinha adotado o modelo denominado Futebol, Sexo e Rock and Roll. De acordo com Chiaroni e Kroehn (2010), existia um novo público, mulheres, crianças e jovens, o qual a revista precisava alcançar e, portanto, modificou sua política editorial, trazendo a música e a sexualidade dos atletas, junto às publicações sobre futebol.

Segundo Saldanha (2009), nesta fase, *Placar* abandonou a política investigativa e informativa, rendendo-se ao entretenimento. Desta forma, passou a publicar textos de caráter polêmico, substituindo as fotos dos futebolistas em ação com expressões de dor, tensão e suor, por imagens de jogadores caracterizados como modelos fotográficos, incorporando fotografias sensuais e o comportamento sexual dos atletas. Essa política foi integrada às publicações acerca do futebol feminino, sobretudo as fotografias sensuais. Além disso, foi uma fase marcada pela demissão de José Carlos Kfoury⁴ que atuou em *Placar* durante 22 anos e a contratação de Marcelo Duarte como o novo diretor da redação. Dentre os agentes que ocupavam um espaço na equipe editorial da revista neste período, destaca-se Ricardo Corrêa, editor fotográfico do setor de revistas masculinas da editora Abril atuante na *Playboy* e *Placar*. A política editorial com o logotipo Futebol, Sexo e Rock and Roll foi publicada pela última vez na edição 1.132 em outubro de 1997 (Unzelte, 2015).

A Olimpíada de Atlanta é coberta por *Placar* em consonância com a política editorial explicitada acima. No período de janeiro a dezembro de 1996, foram 13 edições⁵ no período,

mas apenas duas edições publicaram sete textos sobre a seleção brasileira de futebol feminino: julho (2) e setembro (5). Os temas centrais desses textos foram utilizados para elencar as categorias: jogadoras (2), seleção (2), instituições (1), técnico (1) e adversárias (1).

A participação da seleção brasileira feminina ocorreu de 19 de julho a 04 de agosto de 1996, e resultou na conquista do 4º lugar. Resultado importante, pois a seleção vinha de duas participações em Mundiais, com eliminação na primeira fase, uma na China (1991) e outra na Suécia (1995). A vaga para jogar em Atlanta foi conquistada por meio da classificação de oito seleções estipuladas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), no Mundial de 1995. No entanto, o Brasil tinha se classificado em nono e mesmo assim conseguiu uma vaga nas Olimpíadas. *Placar* analisa essa situação apresentando o texto intitulado “A Hora da verdade”, com conteúdo indicando que a seleção entrou na Olimpíada de Atlanta pela “porta dos fundos”, pois “[...] perdeu a vaga no campo, mas recuperou-a nos meandros do regulamento do COI” (Pereira, 1996, p. 69).

Nesse período, em que a seleção buscava uma vaga aos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996), Moraes (2012) destaca a existência de uma pressão sobre as jogadoras da seleção, pois a equipe administrativa (Sport Promotion), responsável pela seleção na época, ressaltava que o bom desempenho das atletas alavancaria o futebol feminino no Brasil. No entanto, Moraes (2012) explica que a preparação das jogadoras era precária, sendo que elas precisavam viajar pelo Brasil em busca de aporte financeiro nas prefeituras e em clubes privados para complementar o auxílio da empresa.

Os jornalistas Marcelo Duarte, Sérgio Garcia e Sérgio Ruiz Luz⁶ mostraram as condições de vida das jogadoras da seleção, apontando que a falta de estrutura profissional fazia com que elas precisassem praticar também o futebol de salão. O texto trouxe o exemplo de Sissi, ganhando 500 reais mensais, e o caso de jogadoras que recebiam diárias de oito reais para atuar no mundial da Suécia em 1995.⁷ Relata que durante as Olimpíadas, a Mizuno ofereceu um contrato de 6 mil dólares para que as atletas Sissi e Marcia Taffarel utilizassem suas chuteiras no período da competição, mas esse contrato não foi permitido pelo diretor da CBF Luíz Miguel de Oliveira. O texto salientava “Enquanto qualquer juvenil sai acelerando um carrão importado na assinatura do seu primeiro contrato profissional, a jogadora Sissi, estrela da Seleção, só conseguiu trocar recentemente seu Fiat 147, ano 80” (Duarte; Garcia; Luz, 1996, p. 49).

Na edição de julho, mês que precedeu os jogos Olímpicos de Atlanta, encontrou-se uma publicação realizada por Luís Estevam Pereira, relatando sobre a condição de vida da jogadora Mariléia dos Santos em um time da Itália.

O visual continua a lembrar o cada vez mais embranquecido Michael Jackson. O futebol se mantém rápido e goleador. [...] Michael Jackson, aliás, Mariléia dos Santos, foi contratada em setembro do ano passado para dar mais cor e ginga ao time de loiras do Torino Calcio Femminile, da cidadezinha de Venaria, norte da Itália. [...] Apesar de o futebol feminino ser amador na Itália, a jogadoras diz embolsar 5 000 dólares por mês. Michael só não se acostuma com o estilo botinado do Calcio: "As adversárias sempre me param na porrada". [...] As dificuldades, contudo não têm impedido a brasileira de marcar gols. Na primeira temporada européia, assinou 23. Segundo estatísticas próprias, sua marca já bateu os 1222 tentos - 57 a menos que Pelé! (Pereira, 1996, p.68).

Infere-se que o texto trouxe algumas características literárias presentes nas crônicas de Gilberto Freyre e Nelson Rodrigues, os quais buscavam a partir da miscigenação, valorizar qualidades como a ginga e a malícia dos jogadores negros. Freitas Jr. (2009) demonstrou que as crônicas de Freire em 1950 ressaltavam a importância do negro na cultura brasileira, as quais contrariavam as ideias dominantes da intelectualidade na época, pois tinham vergonha da cor e da raça que constituíam a população. Freyre associava a agilidade física às manifestações folclóricas, como os requebros de quadril advindos do carnaval, os passos sinuosos do samba e a ginga da capoeira. Para o cronista, esses elementos não excluía, mas traziam uma convivência harmônica, reflexão que construiu o mito da não existência de preconceito no Brasil, embora o cronista nunca tivesse afirmado isso (Freitas, Jr., 2009).

Compreende-se que a lógica entre o futebol masculino e feminino é diferente, bem como o tempo histórico da discussão realizada por Freitas Jr. (2009), mas ela auxiliou na reflexão sobre a cor da pele e a classe das jogadoras, elementos encontrados nos textos de *Placar*. Neste sentido, entende-se que o conteúdo sobre o futebol feminino segue uma agenda semelhante ao do masculino, demonstrando minimamente que determinadas tensões presentes na sociedade brasileira ainda permanecem, pois não foram completamente resolvidas. Freitas Jr. (2009, p. 192) ressalta que os cronistas “buscavam vincular o sucesso do futebol a uma das formas de o negro ser aceito e, conseqüentemente, “embranquecer”. Essa condição era direcionada aos jogadores negros que apresentavam bom desempenho futebolístico como se verificou no caso da jogadora Mariléia do Santos, mencionada na publicação de *Placar*.

Após esses textos de julho não foi encontrado texto que retratasse as brasileiras durante os jogos nas Olimpíadas, nem mesmo diante das vitórias que foram ocorrendo. Em setembro, após o jogo em que a Noruega venceu o Brasil (2x0), a revista publicou um dossiê organizado por Marcelo Duarte, Sérgio Garcia e Sérgio Ruiz Luz.

Valeu Meninas! E agora? As jogadoras brasileiras surpreenderam com o quarto lugar nas Olimpíadas. Agora além de superar os traumas de um passado recheado de histórias de *homossexualismo*, querem acabar com as fofocas do presente para que o futebol feminino possa estourar [...] Foi só alguém dar um pouquinho de atenção e as meninas conquistaram um quarto lugar nos jogos de Atlanta. A idéia agora é organizar, no começo do próximo ano, um Campeonato Paulista, o Paulistana (Duarte, Garcia, Luz, 1996, p. 46-47, grifo dos autores).

A revista retratou com otimismo a conquista do quarto lugar nas Olimpíadas de 1996, apontando para o avanço da modalidade, com a criação de uma competição. No entanto, evidencia-se o posicionamento da revista em relação à sexualidade das atletas, pois utiliza o termo “homossexualismo”, o qual fora modificado para homossexualidade desde 1990, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) o retirou da classificação internacional de doenças (CID). Por sua vez, os jornalistas avaliaram o “homossexualismo” como algo traumático às jogadoras, no texto supracitado.

Em seguida, na mesma edição, um texto denominado “Novas Beldades” justifica que o avanço no futebol feminino e a transição da seleção para melhores condições ocorreram porque o “perfil” das jogadoras da seleção estava mudando.

No começo da década de 80, as pioneiras do futebol feminino eram de origem humilde. Algumas delas - caso da atacante *pretinha* - passaram a infância em favelas. Esse perfil vem mudando. Nas escolas de futebol, as *patricinhas de classe média* aderiram em peso ao esporte e já formam uma fatia significativa entre as praticantes do futebol[...] *A bela garota* Talita Marsioli, 15 anos, atacante do time do Saad e uma das promessas para as seleções futuras, faz parte do novo perfil de jogadoras (Duarte; Garcia; Luz, 1996, p. 51, grifo da autora).

A jogadora Delma Gonçalves (Pretinha) citada no texto Placar foi artilheira do Brasil nas Olimpíadas de 1996 em Atlanta, ficando ao lado das norueguesas Linda Medalen e Ann Kristin Aronnes, com quatro gols. A atleta figura como a terceira jogadora com maior número de partidas pela seleção brasileira em Jogos Olímpicos (CBF, 2016). Mesmo diante de seu desempenho durante os Jogos, a publicação ressalta que jogadoras com seu perfil estavam perdendo espaço para as patricinhas de classe média. Possivelmente as futebolistas substitutas eram brancas e se enquadravam no padrão de beleza definido na época, como era o perfil da jogadora mencionada pela revista, Talita Araújo Marsioli, atuante na década de 1990 no Saad, mas que não chegou a jogar pela seleção.

Freitas (2009) ressalta que uma das formas de manifestação do racismo, estava associada a “boa aparência”, construída com base no conceito de beleza das pessoas de cor de pele branca. Sendo assim, a aparência física dos jogadores negros era modificada pelos discursos dos jornalistas da época, os quais objetivavam retratar um país moderno e sem atraso cultural. Diante disso, infere-se que para além da questão de gênero, a questão racial é um elemento central nesta discussão.

Na sequência, a mesma edição trouxe um texto comparando as diferenças físicas entre as jogadoras brasileiras, as americanas – campeãs olímpicas de 1996 – e as norueguesas.

O biotipo das brasileiras que estiveram em Atlanta era uma mostra do desnível em relação às americanas e norueguesas. O tiro de meta da goleira do Brasil ainda não tinha força suficiente para atravessar a linha do meio-campo. Lançamentos longos também não fazem parte do repertório de jogadas. Quando as atletas foram convocadas, em dezembro, passaram por um intenso trabalho muscular e alimentar (Duarte; Garcia; Luz, 1996, p.47).

A revista compreendia que as jogadoras do Brasil eram mais fracas devido à falta de nutrição e neste sentido, Moraes (2012) relata sobre as trajetórias futebolísticas de três atletas que obtiveram destaque em nível nacional neste período. Dentre elas, Solange, que jogou na seleção brasileira, relatou que sua maior preocupação era as condições de pobreza que enfrentava, pois tinha dificuldade até para se alimentar. Diante da fome, ela chegava a passar mal durante os treinos do time em que atuava na Bahia e, quando foi para a seleção, enfrentou grandes dificuldades nos treinamentos físicos, devido à subnutrição. Infere-se que a crítica de *Placar* não é estabelecida às jogadoras, mas às suas condições como atletas, pois o mesmo texto fomenta a instituição responsável pelo futebol brasileiro – CBF.

Para a CBF, futebol é um esporte de macho. Tanto é que a entidade repassou para uma empresa, a Sport Promotion, os direitos de cuidar e de explorar a modalidade até o Campeonato Mundial de 1999. Foi só alguém dar um pouquinho de atenção e as meninas conquistaram um quarto lugar nos Jogos de Atlanta (Duarte; Garcia; Luz, 1996, p.47, grifo da autora).

Na sequência, a mesma edição polemiza as relações existentes entre a seleção feminina, a CBF e a Sport Promotion naquele período. A jogadora Cenira Sampaio - capitã do Brasil no Mundial de 1995 ocorrido na Suécia – em uma entrevista para Placar, relatou que as atletas do Rio de Janeiro próximas de Eurico Lira⁸ foram barradas para jogar na seleção brasileira.

[...] Cenira era titular absoluta do time até o final do ano passado e conta que pediu uma dispensa temporária à CBF, em razão de um problema de saúde com seu pai. "Machuquei em seguida o joelho mas, em pouco tempo, já estava pronta para jogar e ir a Atlanta", lembra. "O Romeu Castro do Saad e da Sport Promotion, é quem manda na Seleção. Ele me deixou de fora porque sou amiga do Eurico Lira, de quem ele tem inveja", acusa. [...] Segundo ela, Romeu Castro pressiona as atletas do Rio para jogar em São Paulo. "Isso aconteceu com duas meninas que eram do Vasco e foram para o Saad: A Leda e a Kátia Cilene, que chegou até a ser ameaçada pelo Romeu de não ir para a Seleção se recusasse a transferência." Por trás dessas atitudes estaria a intenção de monopolizar o contrato das melhores jogadoras do país. "Quando os clubes formarem seus elencos, o Romeu e a Sport Promotion vão repassar as atletas faturando em cima delas", acredita. Cenira garante ter chegado aos seus ouvidos que o cartola, durante um almoço na Sport Promotion, teria dito que convocou a jogadora Suzy como um presente para a goleira Meg. "O Romeu ainda disse que havia se arrependido da atitude, pois brigou com a Meg durante a competição e, se fosse para dar presente, deveria ter dado um a Fanta, levando a Leda Maria, que arreventou nos treinos" (Duarte; Garcia; Luz, 1996, p. 48).

Placar confronta a denúncia da jogadora ao questionar no decorrer da publicação, se o termo “presente” seria um eufemismo com intuito de indicar um envolvimento íntimo entre as atletas. Em seguida, Placar mostra que Romeu Castro negou qualquer tipo de desavença com Eurico Lira e ressaltou:

Ao tomar conhecimento das declarações de Cenira, Romeu negou que tivesse convocado a Seleção. “- Colaborei apenas numa primeira lista, provisória, na época em que o Zé Duarte não conhecia as meninas”, diz. "Depois de trabalhar com elas, o técnico teve autonomia para escolher as dezesseis das Olimpíadas e deve ter deixado a Cenira de fora por razões técnicas." [...] Quanto à convocação de Suzy como um presente à goleira Meg, ele considera o caso "uma invenção" (Duarte; Garcia; Luz, 1996, p. 49).

Ainda na mesma edição de setembro, *Placar* publicou a entrevista realizada com o técnico da seleção brasileira, ressaltando no lide jornalístico “O técnico que conquistou o quarto lugar na Olimpíada achava que "as mulheres não tinham nascido para jogar futebol"” (Placar, 1996, p. 48). Neste estudo, selecionamos algumas das perguntas realizadas a José

Duarte de acordo com os conteúdos que se mostraram tendenciosos durante a entrevista. Primeiramente, *Placar* buscou entender como o técnico via o futebol feminino.

Não botava muita fé no futebol feminino, não. Como todo homem, achava que elas não tinham nascido para isso. Para falar a verdade, só tinha visto dois jogos da Seleção no último Mundial pela TV. Quando me fizeram o convite, fui ver dois torneios em São Paulo. Gostei do potencial daquelas meninas e achei que poderia ensinar muita coisa para elas. Principalmente os fundamentos do futebol. (Duarte; Garcia; Luz 1996, p. 48).

Posteriormente, a revista pergunta sobre a relação das jogadoras da seleção com o técnico, que responde “Nunca tive nenhuma desavença com elas. Sempre as tratei como uma mulher deve ser tratada. No intervalo quando as coisas não vão bem, uso um tom de voz mais alto. Não poderia ser baixinho. Mas com educação. A mulher tem uma diferença: ela chora fácil” (Duarte; Garcia; Luz, 1996, p. 48). Emergiram alguns elementos sobre as mulheres futebolistas associados à construção patriarcal da sociedade. Primeiro, as mulheres não tinham nascido para jogar futebol; segundo as mulheres são tratadas de forma diferenciada devido à fragilidade ligada à construção social sobre o gênero feminino.

As perguntas direcionadas ao técnico também são destacadas neste estudo, pois enfatizaram aspectos relacionados à sexualidade e à beleza das jogadoras. “[...] O senhor já assistiu a alguns desses jogos de modelos”? “As duas jogadoras mais bonitas do futebol brasileiro, Bel e Duda, não estavam na Seleção que disputou a Olimpíada de Atlanta. Por quê”? O senhor acredita que as histórias de homossexualismo no futebol feminino afugentam outras mulheres? (Duarte; Garcia; Luz, 1996, p. 49).

Nota-se que em nenhum trecho das perguntas destacadas a revista busca saber sobre questões técnicas/táticas de jogo, informações realmente pertinentes que o técnico poderia relatar sobre a seleção feminina. Sendo assim, prioriza a beleza e a sexualidade das jogadoras, aspecto presente na política editorial daquele modelo Futebol, Sexo e Rock and Roll. Destaca-se ainda que as publicações sobre a beleza das jogadoras davam enfoque às mulheres que participavam dos times de modelos e não às atletas da seleção brasileira. Essa questão tornou-se mais evidente na pergunta sobre as jogadoras “mais belas do futebol feminino” Duda e Bel, as quais não foram para as Olimpíadas de Atlanta. Em contrapartida, aspectos sobre a sexualidade, mais especificamente a homossexualidade, são acionados nos textos quando mencionam a seleção feminina. Isso foi observado tanto na entrevista com o técnico como a realizada com a ex-jogadora Cenira Sampaio.

Para Salvini (2012), o futebol de modelos segue a mesma lógica das “Globetes”, atrizes da Rede Globo de televisão vestidas de futebolistas, publicadas nos anos de 1980 nas páginas de *Placar*. Em 1990, são as jogadoras modelos que começam a vender o futebol feminino por meio da beleza corporal. No recorte temporal deste estudo, observou-se Susana Werner Espíndola, capa de *Placar* na edição de setembro de 1996, período em que atuava pelo Clube Fluminense. Essa edição é a mesma que traz os relatos coletados acima sobre a seleção brasileira.



Figura 1: Capa com Susana Werner, 1996, Placar

O texto no interior da edição ressaltou a beleza de Susana, "Apesar do corpo ser a sua matéria-prima, Susana não liga quando sai de campo com alguns arranhões [...] Organiza os treinos, joga com a 10 e é o alvo da mídia" (Duarte; Garcia; Luz, 1996, p. 45). Franzini (2005) mostrou que o jornal *Folha de S. Paulo* publicou sobre um projeto da Federação Paulista de Futebol em conjunto com a empresa Pelé Sports & Marketing, no qual um dos requisitos para o avanço do torneio era o enaltecimento da beleza e sensualidade das jogadoras, com intuito de atrair o público masculino. Entende-se que *Placar* seguia lógica similar do subcampo futebolístico intentando aumentar seu número de vendas. Em 1996, *Placar* secundarizou as jogadoras que representaram a seleção brasileira nos Jogos Olímpicos. Essa compreensão fica evidente, pois a edição de setembro que trouxe a Susana Werner como Capa, foi à mesma que publicou numa única página no final da edição, a conquista do quarto lugar nos Jogos de Atlanta.

Considerações Finais

No período dos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, *Placar* publicou 13 edições com 98 páginas cada uma, nas quais foram encontrados sete (7) textos sobre a seleção de futebol feminina, dispostos em 2 edições, julho (2) e setembro (5).

Os Jogos Olímpicos de 1996 trouxeram a primeira participação do futebol feminino, no qual o Brasil disputou a medalha de bronze, mas perdeu para Noruega e ficou em quarto lugar. Nota-se que a seleção feminina brasileira surpreendeu com essa colocação nos Jogos de Atlanta, pois não vinha de uma boa campanha nos Mundiais. Além disso, a CBF ofertava poucos treinos às atletas que lutavam para sobreviver no subcampo futebolístico. Mesmo diante dessa trajetória, *Placar* publicou poucos textos sobre a seleção feminina nesse período analisado, conferindo-lhe pouca visibilidade.

Nos poucos textos publicados, *Placar* priorizou textos sobre as modelos de futebol, intentando atrair o público masculino por meio da beleza normativa dessas mulheres, secundarizando as jogadoras que defenderam efetivamente o Brasil nos Jogos Olímpicos de 1996. Para além dessa percepção supracitada, observou-se que a questão racial, classe social e a

(homo) sexualidade eram elementos sempre acionados para retratar especificamente as jogadoras da seleção. Sendo assim, nota-se que a revista minimizava os aspectos técnicos do jogo para enfatizar aspectos polêmicos das atletas. Compreende-se que essas publicações seguiam a linha editorial de *Placar* que, de forma geral, enfocava na intimidade dos (as) atletas, seguindo a lógica exclusiva do entretenimento.

Recebido em: 12/01/2019

Aceito em: 21/06/2019

¹ O termo “textos” está sendo utilizado de forma genérica, correspondendo todos os gêneros textuais de jornal como reportagem, notícias, crônicas, editorial, nota, entre outros que em algum momento mencionaram a temática proposta por este estudo.

² Violência simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física (Bourdieu, 2014).

³ O conceito de *habitus* é compreendido como valores, normas, crenças, modelos de pensar e agir aprendidos, incorporados e praticados pelos agentes sociais. O *habitus* é adquirido durante o processo de socialização, de maneira consciente ou inconscientemente, o qual se constitui sob forma de disposições permanentes (Bourdieu, 1983).

⁴ Articulista, formado em jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, atuou desde 1984 na revista *Placar*, iniciando sua carreira como estagiário até chegar a diretor de redação em 1995. Vale destacar, que dentre suas funções na editora Abril, atuou como redator-chefe na revista *Playboy* no período entre 1989 até 1990 (Guia...,201?).

⁵ Dentre essas edições, uma delas era a Especial, lançada por ocasião da Olimpíada.

⁶ Vale destacar que esses jornalistas realizaram reportagem de cinco páginas sobre o futebol feminino, na edição nº 1119 em setembro de 1996. Um dos textos que compõe o material trata da seleção brasileira de futebol feminino. Demais textos são sobre outros aspectos do futebol feminino.

⁷ O salário mínimo neste período correspondia ao valor de R\$ 112,00.

⁸ Fundador e técnico do futebol feminino no Esporte Clube Radar do Rio de Janeiro na década de 1980 e 1990.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. 9. Ed. Campinas SP: Papirus 2008.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: Uma introdução**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

CBF. (Brasil). **Artilheira da seleção na campanha, Pretinha recorda decisão pela medalha de bronze contra a Noruega**. Rio de Janeiro: Assessoria CBF, 2016.

CHIARIONI, B.; KROEHN, M. **Onde o esporte se reinventa: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar**. São Paulo: Primavera Editorial, 2010.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em "antas". In: _____. **Cultura: educação física e futebol**. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 107-122.

DUARTE, M.; GARCIA S.; LUZ, S. R. Mulheres Maravilha, **Placar**. p. 45-51, set. 1996.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 1-15, dez. 2005.

FREITAS JR. M. A. **No meio do caminho**: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950. 2009. 320 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2009.

GABRIEL, B. J. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esporte do jornal Folha de S.Paulo (1991-2011)**. 2015, 230 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GASTALDO, E. "O país do futebol" mediatizado: Mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 22, p. 352-369. jul./dez, 2009.

GUEDES, S. L. Subúrbio: celeiro de craque. In: DAMATTA, R. (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothke, 1982, cap. 3, p. 59-74.

GUIA dos Jornalistas. **Marcelo Duarte**. Portal dos Jornalistas. São Paulo, 201?. Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/marcelo-duarte/>> . Acesso em: 04 mar. 2018.

MORAES, E. V. **As mulheres também são boas de bola**: histórias de vida de jogadoras baianas (1970 -1990). 2012, 287 f. Tese (Doutora em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, São Paulo, 2012.

PEREIRA, L.P. Eu sou Bad, **Placar**, p. 68, jul. 1996.

PONTES, F. S.; SILVA, G. Mídia noticiosa como material de pesquisa: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: BOURGUGNON, J. A.; JUNIOR, C. R. O. (Org.). **Pesquisa em ciências sociais**: interface, debates e metodologias. Ponta Grossa: Todapalavra, 2012. p. 29-77.

ROCCO JÚNIOR, A. J.; BELMONTE, W. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória da Revista *Placar*. In: XIX Intercom Sudeste. **Anais...** Vitória (ES), 2014.

SALDANHA, R. M. **Placar e a produção de uma representação de futebol moderno**. 2009. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano de Educação física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SALVINI, L; JÚNIOR W.M; Velhos tabus de roupa nova: o futebol feminino na revista *Placar* entre os anos de 2000-2010. **Praxis**, Goiás, v. 1, n. 2, p. 55-66, mai. 2013.

SALVINI, L. **Novo Mundo futebol clube e o "velho mundo" do futebol**: considerações sociológicas sobre o habitus esportivo de jogadoras de futebol. 2012, 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2012.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCAVONE, L. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 173-186, abr, 2008.

SCOTT, J. Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p. 5-22, dez. 1990.

SILVEIRA, R. Copa do Mundo de 2006: O que elas escreveram na Folha de São Paulo. **Pensar a Prática**, Porto alegre, v. 10, n. 1, p. 133-152, nov. 2006.

TEIXEIRA, F. L. S.; CAMINHA, I. O. Preconceito no Futebol Feminino Brasileiro: Uma Revisão Sistemática. **Revista Movimento**, Porto alegre, v. 19, n. 01, p.265-287, mar. 2013.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

UNZELTE, C. D. **Futebol em Revista no Brasil**: dos primeiros títulos à resistente *Placar*. 2015, 227 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2015.